

Professor, revolucionário dos saberes

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática ? bancária ? são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (Freire, 1979).

Paulo Reglus Neves Freire, Paulo Freire, um dos grandes pensadores dos tempos, proferiu o que transcrevi no parágrafo inicial. O imediatismo da leitura nos assusta. Se ninguém educa ninguém, onde inserem-se os professores ? Após o imediato da leitura, nós professores somos remetidos a uma reflexão complexa sobre o que somos e para que somos, ou como Freire prefere: educadores.

A perspectiva da transmissão do conhecimento verticalizada demonstra uma prática estruturalista, germinada na sociedade burguesa com suas praxis e epistemologias próprias. O professor, acumulador dos saberes, transmite ao aluno seu conhecimento, impedindo que o conhecimento seja produzido, impossibilitando uma dinâmica conjunta onde experiências são trocadas e a vivência seja compartilhada. Essa visão pertence ao passado, é praticada no presente e infelizmente tende a permanecer para o futuro.

Somente uma participação efetiva do professor, entendendo que o ensinar e aprender é epistemologicamente uma proposta dialética, complexa e dualista, onde o professor e o aluno estão inseridos na propositura de vivenciar os saberes em óticas diferentes, mas pertencentes a uma discussão conjunta, abrirão um campo inesgotável de conhecimentos recíprocos, caminhando juntos e dimensionando a complexidade envolvida no e do objeto a ser estudado.

O diálogo entre professor/aluno deve ter uma relação harmônica. É indiscutível o conhecimento que o professor deve adquirir sobre o conteúdo a ser discutido, e inquestionável a responsabilidade ética do professor sobre a forma de colocar o conteúdo a ser resolvido. Portanto, cabe ao professor, dentro da proposta que emerge do conteúdo programático, ser responsável pelos processos pedagógicos. Porém, não deve o mesmo ser individualista, verticalista, transmitindo somente o que é e como é. Deve partir do pressuposto que ensinar implica também o aprender e principalmente, criar a atmosfera necessária do aprender a aprender ensinando.

O conteúdo programático deve ser constantemente re-inventado. Quantas vezes estamos frente a uma discussão sobre um objeto e quando damos conta já extrapolamos o contido? Essa extrapolação certamente se deu devido a horizontalidade da discussão com a participação efetiva dos alunos. Temos a intenção de romper com a proposta e retomarmos o conteúdo proposto. Com esta atitude autoritária e ditatorial, boicotamos a construção de novos conhecimentos.

Devemos nos convencer de que não existe metodologia pedagógica inquestionável, infalível ou a melhor. A construção do conhecimento não permite um trânsito em linha reta e inflexível. O professor deve ser o artista que cria o diálogo pedagógico e exalta a participação do aluno. O monólogo não faz parte dos atos ensinar/aprender.

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece, na absolutização da ignorância daqueles, a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador. (Freire, 1981).

Para o processo pedagógico refletir nossas aspirações, o professor deve ser o revolucionário dos saberes. Revolucionário no sentido de auto contestar e modificar a si mesmo, não ficar preso aos rótulos existentes, tendo a liberdade, de como revolucionário, criar e re-criar a sua prática pedagógica.